

---

# “JOSIAS, O TRISTE”, PRIMEIRA COLABORAÇÃO DE SAMUEL RAWET PARA A REVISTA BRANCA

---

“JOSIAS, O TRISTE”, SAMUEL RAWET’S FIRST COLLABORATION FOR THE REVISTA BRANCA

Luciano de Jesus Gonçalves<sup>19</sup>

**RESUMO:** Esse trabalho possui duas direções complementares. A primeira estabelece a circulação de Samuel Rawet na publicação carioca *Revista Branca* e a segunda se detém na leitura e análise do conto inédito em livro “Josias, o Triste”, estreia de Rawet no veículo, datada de 1950. Ao organizar as atividades mantidas pelo escritor na *Revista Branca*, no período de 1950 e 1954, o artigo define essa atuação como uma das poucas movimentações coletivas de Rawet no cenário cultural brasileiro, a exemplo do que foi a sua participação na “Crônicas dos Novos”, encabeçada por Dinah Silveira de Queiroz, que correspondeu aos anos de 1949 e 1951. De modo geral, a construção celebra os setenta anos da iniciativa de Saldanha Coelho localizando na *Revista Branca* um importante espaço de interlocução para Samuel Rawet. As análises reforçam a participação de Rawet nesse empreendimento editorial, cultural e literário, destacando o interesse do escritor pelo teatro e, sinalizam, também, a ocorrência, em sua prosa curta, do tratamento das linhas de força que estarão presentes em sua coletânea de estreia, **Contos do imigrante**, de 1956: a perspectiva temporal diversa, a prioridade da personagem em conflito, a inserção da tradição judaica como motivo e a responsabilidade dos narradores para com os humildes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Samuel Rawet; *Revista Branca*; Saldanha Coelho; “Crônica dos Novos”; Dinah Silveira de Queiroz.

**ABSTRACT:** This work has two complementary directions. The first one establishes the circulation of Samuel Rawet in the publication *Revista Branca*, and the second focuses on the reading and analysis of the unpublished tale in a book, “Josias, o Triste”, Rawet’s debut in this publication, dated 1950. In organizing the activities maintained by the writer in in the period of 1950 and 1954, the *Revista Branca*, , the article defines this performance as one of the few collective movements of Rawet in the Brazilian cultural scene, such as his participation in “Crônica dos Novos”, headed by Dinah Silveira de Queiroz, between the years 1949 and 1951. In general, this paper celebrates the seventy years of the initiative of Saldanha Coelho defining the *Revista Branca* as an important space of dialogue for Samuel Rawet. The analysis reinforces Rawet’s participation in this editorial, cultural and literary venture, highlighting the writer's interest in the theater and also signal the occurrence, in his short prose, of the treatment of the lines of force that will be present in his debut collection, *Contos do imigrante*, 1956: the diverse temporal perspective, the priority of

---

<sup>19</sup> Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso Sul - UFMS, campus de Três Lagoas. Professor DE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - IFTO, Campus Colinas, área Português e suas Literaturas. E-mail: ljg@usp.br

the conflicting character, the insertion of Jewish tradition as motive, and the narrators' responsibility to the humbles.

**KEYWORDS:** Samuel Rawet; *Revista Branca*; Saldanha Coelho; “Crônica dos Novos”; Dinah Silveira de Queiroz.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce de um contexto mais amplo, a pesquisa de doutoramento intitulada “Samuel Rawet e a cena intelectual brasileira”, no qual investiga-se a circulação do escritor judeu-polonês naturalizado aos sete anos de idade nos meios intelectuais cariocas a partir da década de 1940. A movimentação da tese prioriza as relações artísticas e intelectuais de Rawet para construir, em uma de suas partes, um perfil biográfico-intelectual desse escritor cuja presença e ausência na literatura e cultura brasileiras seguem desafiando acadêmicos e leitores.

A referida pesquisa de doutorado inicia o seu trajeto com o foco em um Rawet ainda ginásial e suas tentativas de publicação, passando pela sua inserção na “Crônica dos Novos”, conforme ficou conhecido espaço que Dinah Silveira de Queiroz abriu às colaborações de jovens escritores, em sua coluna “Café da Manhã”, do jornal carioca *A Manhã*. A *Revista Branca*, iniciativa de Saldanha Coelho, publicada pela primeira vez no ano de 1948 é o terceiro movimento que recebe a atenção da pesquisa, tendo em vista que, nesse veículo, a colaboração de Rawet ainda não se encontra mapeada e largamente estudada.

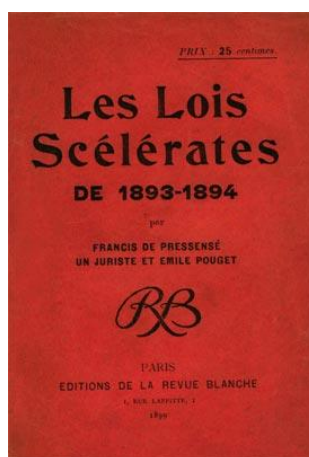
O trabalho de tese em desenvolvimento ainda passará por outras fases, mas, nesse artigo, a atenção centra-se em duas vertentes, totalmente, relacionadas à *Revista Branca*. Na primeira dessas direções, mapeia-se as colaborações de Samuel Rawet onde se é possível vislumbrar a produção do escritor para a revista. Na segunda, pinça-se o texto que motivou a estreia rawetiana na revista, o conto “Josias, o Triste” (RAWET, 1950a) para apresentação e análise.

Guardando ricas possibilidades de análise, “Josias, o Triste” (RAWET, 1950a) ainda pode ser lido tendo em seu horizonte outra produção rawetiana, outro conto inédito intitulado “O balanço”, publicado em 8 de maio de 1949, no jornal *Correio da Manhã*, cujas semelhanças de enredo e trato das protagonistas soam evidentes. Além de uma justificativa do recorte aqui escolhido, configurado na atenção específica da peça publicada na *Revista Branca*, a lembrança serve de alerta para que iniciativas outras e diversas em tono do nome e da obra de Samuel Rawet sejam estabelecidas, cada vez mais.

## 2. SAMUEL RAWET, COLABORADOR DA REVISTA BRANCA

O ano de 1948 registrou o lançamento de um empreendimento editorial que dinamizou a história da literatura brasileira, principalmente na década seguinte a sua estreia. Acatando a sugestão do amigo Evaldo Coutinho (1911-2007), o jovem escritor Saldanha Coelho (1926-2006) denominou a sua empreitada pelo nome de *Revista Branca*, tradução direta de *La Revue Blanche*, iniciativa francesa que vigorou entre os anos de 1889 e 1903. Marcel Proust (1871-1922), estimado por Coutinho, colaborou com frequência no projeto francês e esse foi o motivo da indicação do título, espécie de homenagem indireta.

Figura I: Capa de uma edição de *La Revue Blanche*.



Fonte: <<http://www.jaures.eu/ressources/divers/les-lois-sclerates-de-1893-1894-1-comment-elles-ont-ete-faites-leon-blum/>>. Acesso em 13 fev. 2018.

Mais do que uma genealogia completa da publicação brasileira, que durou pouco mais de dez anos, ou um paralelo comparativo com a realização dos irmãos Natanson, fundadores da iniciativa francófona, o tópico restringe o horizonte de análise quando se detém na circulação intelectual de Samuel Rawet. Ao mapear e discutir a colaboração de Rawet na revista, pretende-se ampliar as definições imputadas ao escritor ao longo de sua carreira, além de situá-lo, cada vez mais, no campo da produção das letras nacionais, ainda que, muitas vezes, sua literatura seja considerada hifenizada.

De maneira preliminar, tais colaborações acentuam a ligação de Rawet com a crítica teatral, faceta que tem passado ao largo de sua recepção acadêmica nos últimos trinta anos<sup>20</sup>.

---

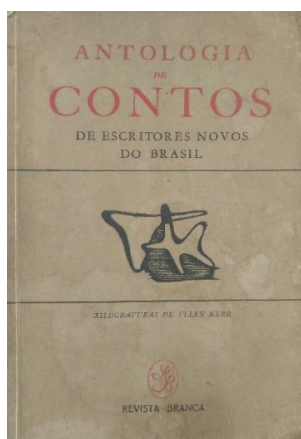
<sup>20</sup> Para estabelecer esse marco temporal, penso na conclusão do trabalho de Lúcia Verdi, em 1989, dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília sob o título *Obsessões temáticas: uma leitura de Samuel Rawet*.

Como motivação de pano de fundo, esta passagem se alinha às discussões em torno dos setenta anos de publicação da primeira edição da *Revista Branca*.

Desde as primeiras edições, a *Revista Branca* insuflou o cenário das letras, arrebatando colaborações importantes. Não raramente, a iniciativa contava com a participação de Otto Maria Carpeaux, Tristão de Athayde, Augusto Meyer, Cyro dos Anjos, José Condé, Lúcia Miguel Pereira, Lúcio Cardoso, Herberto Sales, Iberê Camargo, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Teles, traduções de poemas de Carlos Drummond de Andrade, ilustrações de Orval, Portinari, Poty, Goeldi, Santa Rosa, Yllen Kerr, entre tantos outros<sup>21</sup>.

O diferencial, com relação à maior parte dos periódicos concorrentes, que mantinham o foco no tradicional formato revista, é que a *Revista Branca*, ao contrário, acomodava no seu interior diferentes formatos, como o da organização da *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*. Espécie de livro-anexo, com quase quinhentas páginas, o material condensava, no primeiro aniversário da organização, a produção dos membros mais alinhados aos ideais da iniciativa, além de nomes como Herberto Sales, Ledo Ivo, José Condé, Lygia Fagundes Teles e Murilo Rubião. Afora o trabalho em torno das revistas, o grupo passou a atuar como editor, lançando novos artistas e intelectuais, ou trazendo à tona colaboradores vistos como experientes ou mesmo promissores.

Figura II: Capa da *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*.



Fonte: Gonçalves, 2018.

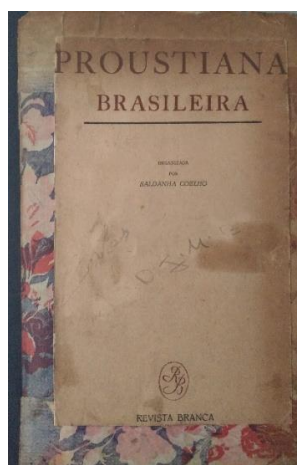
---

<sup>21</sup> O poema que Drummond traduziu do poeta Paul Morand, “Ode a Marcel Proust”, mais tarde reunido em *Poesia traduzida*, foi publicado nesse período, por exemplo.

No primeiro aniversário do periódico, seu diretor confessou a propósito do nome da revista: “[...] foi sugerido por Evaldo Coutinho, que se lembrou de uma publicação homônima editada em França, e na qual Marcel Proust, que ele tão bem conhece e admira, publicou inúmeros de seus trabalhos” (COELHO, 1949, p. 49). Homenagem a *La Revue Blanche* e a Proust, o periódico brasileiro não esconderia essa motivação pouco mais tarde, com o lançamento de um volume que assinalou a recepção do escritor francês no Brasil, a *Proustiana Brasileira* (1950). Mais uma edição do grupo, o conjunto de ensaios aliava ineditismo, ousadia e senso editorial.

Com o objetivo de rememorar a morte de Proust – ocorrida no dia 18 de novembro de 1922 –, os editores demonstraram uma atenção especial para as efemérides temporais, o que facilitava a publicidade de suas empreitadas, como é o caso desse projeto proustiano. A edição comemorativa foi lançada em duas versões, uma com tiragem de trinta exemplares, em um papel mais sofisticado, especial, e fora de comércio; e mil, em material mais comum. A edição consultada não especifica os tipos de papel utilizados (COELHO, 1950).

Figura III: Capa da *Proustiana brasileira*, em versão simples. A parte florida da capa, ausente na versão original, diz respeito a um processo de restauração pelo qual o exemplar passou:



Fonte: Gonçalves, 2018.

O que se apresentava como novidade em nosso mercado editorial, havia sido feito por quase dez anos na França. Além de Proust, a publicação contou com a colaboração ostensiva de nomes como André Gide (1869-1951) e Mallarmé (1842-1898), para ficar apenas em dois exemplos. Os brasileiros resolveram adotar dos franceses não só as investidas editoriais como as

gráficas, ao ponto de a logomarca das publicações aparecerem na mesma fonte, o que as reproduções das capas ilustram de modo explícito (Figuras I, II e III).

Mas, no contexto brasileiro, a empreitada não se resumia a repetir as pautas francesas. Atento às oportunidades que surgiam e afoito por cavar outras tantas, assim como Dinah Silveira de Queiroz, Saldanha Coelho divulgava metas e desejos por meio das crônicas. Depois do terceiro número da revista, publicou a crônica intitulada “Requerimento”, em que descreve a situação de um grupo de jovens editores com dificuldades para vender suas publicações. O requerimento é direcionado ao prefeito da cidade do Rio de Janeiro, à época, Ângelo Mendes de Moraes. Ao situar o problema, lança mão da demanda mais abertamente:

Em verdade, custa-nos muito conseguir onde colocar as revistas. Os próprios jornaleiros, que são incumbidos de vendê-las ao público, muita vez se negam aceitá-las em suas bancas, porque lhes falta espaço. ‘O senhor compreende... é tanta revista e tanto jornaleco, que a gente não sabe como fazer!’ E temos de nos conformar, concordando com eles. Realmente a inflação é grande. (COELHO, 1948, p. 2)

O pedido era, justamente, o de uma banca, vitrine, para os novos escritores. Para justificar a existência de precedentes, Coelho cita o pedido-poético estabelecido por Manuel Bandeira, para que a prefeitura cimentasse o pátio do edifício em que morava. A menção relembra o prosaísmo de “Carta-poema”, que, em certa estrofe, depois de rendidos os devidos preitos, seu eu lírico-residente solicita ao prefeito Hildebrando de Goís, o antecessor de Moraes, a permissão para que um poeta sexagenário:

Peça vistoria e visita  
A este pátio para onde dá  
O apartamento que ele habita  
No Castelo há dois anos já.

É um pátio, mas é via pública,  
E estando ainda por calçar,  
Faz a vergonha da República  
Junto à Avenida Beira-Mar!  
(BANDEIRA, 1993, p. 313)

No caso de *Bandeira*, os argumentos em forma de versos se multiplicam em mais seis estrofes. A esse pedido-poético, o requerimento de Coelho se une, em forma de carta-crônica, numa solicitação ao poder público de apoio financeiro, ao mesmo tempo em que descreve o mercado editorial do setor das revistas. As matérias jornalísticas consultadas não mostram, porém, se o governante atendeu ao escritor. O exemplo serve, por outro lado, para situar essa vinculação e constante retorno do grupo aos escritores modernistas, numa atualização de estratégias intelectuais e estéticas. Poucos meses depois, a publicação estava sendo comercializada nas livrarias Agir, Askanasy, A Noite, Do Ouvidor, José Olympio, Livros de Portugal, Sociedade Franco-Portuguesa, entre outras.

No terceiro ano de aniversário, a revista passou a ser veiculada em papel jornal, em formato de tabloide. As mudanças acompanharam a iniciativa ao longo do intervalo em que esteve ativa, mesmo que de modo não regular, e dominaram as atenções do segmento na década de 1950. É a partir desse período de maior efervescência que se encontram as primeiras colaborações de Rawet para a organização (QUADRO I)<sup>22</sup>.

A base inicial para a verificação da relação de Samuel Rawet com a *Revista Branca* foi o banco de dados da Hemeroteca Digital Brasileira, localizado no site <memoria.bn.br>. Nesse banco, no período que vai de 1950 a 1959, o descritivo ou a entrada “Samuel Rawet” está distribuído entre 34 periódicos, de 7 estados diferentes, a saber: Paraná, Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, contabilizado em 304 ocorrências.

O período que corresponde aos anos de 1940 e 1949 também contempla a ocorrência do descritivo “Revista Branca” nos dados da Hemeroteca Digital Brasileira. Trata-se de um conjunto de 24 periódicos e 197 ocorrências ao todo. Por outro lado, não há registro da colaboração de Rawet nesse hiato, já que a primeira colaboração do escritor na revista data do ano de 1950.

Entre 1950 e 1959, a entrada para revista foi encontrada em 1.094 ocorrências, distribuídas em 52 periódicos, de onze estados (Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo). O hiato corresponde ao momento mais produtivo da publicação. Nesse

---

<sup>22</sup> De maneira coletiva, Rawet assinou um documento intitulado **O manifesto do humanismo universitário** (REVISTA Branca, 1951), que se constitui a primeira vinculação ao que se chamava Grupo Revista Branca, definição que não ganhou corpo na história literária. Somada à equipe editorial, boa parte dos emissários do documento era vinculada à Faculdade Nacional de Filosofia, localizada no Rio de Janeiro.



caso, as consultas foram realizadas para confirmação das ocorrências do descritivo “Samuel Rawet” nas páginas das edições divulgadas na imprensa.

Essa pesquisa *on-line* permite, de maneira indireta, via repercussão jornalística dos números, edições da revista e publicação de alguns de seus sumários, a realização de um quadro inicial, espécie de quebra-cabeças, das publicações de Rawet no periódico. Isso porque, embora o sistema de obras seriadas da Biblioteca Nacional encontre-se digitalizado, a *Revista Branca* não compõe esse acervo digital da entidade.<sup>23</sup>

Após esse cotejamento, e diante de um quadro ainda incompleto sobre a sua colaboração na revista, foi possível encontrar alguns dos textos procurados no acervo da Biblioteca Rodolfo Garcia, preservado na Academia Brasileira de Letras – ABL, também no Rio de Janeiro. Outra fonte de informação preciosa foi o filho do escritor Saldanha Coelho, Luciano Saldanha Coelho, que, gentilmente, cedeu para esta tese alguns números da publicação.

Sem poder dizer exatamente o papel que Samuel Rawet ocupou diante de todas as atividades do grupo, o que se mostra tarefa complexa tendo em vista o difícil acesso a todas as edições da revista, nota-se que, a partir do número 15 da publicação, o escritor aparece elencado no corpo editorial. Assim, o quadro abaixo estabelece as doze colaborações autorais e individuais de Rawet mapeadas durante a pesquisa:

<b>QUADRO I: COLABORAÇÕES DE SAMUEL RAWET PARA A <i>REVISTA BRANCA</i></b>			
<i>Ano</i>	<i>Número</i>	<i>Título do trabalho</i>	<i>Observações</i>
1950	12	“Josias, o Triste”	Ano II. 2º aniversário da revista. Em formato revista. Conto.
1950	14	“A camisola do anjo”	Ano III. Seção “Notas de Teatro”. Novembro/Dezembro de 1950. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho. Crítica teatral.
1951	15	“Anton Tchekov”	Ano III. Rawet aparece listado no corpo de redação. Em formato tabloide. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crítica

<sup>23</sup> No que se refere à leitura desse material impresso, a visita do consulente às dependências da instituição, na cidade do Rio de Janeiro, não foi permitida, devido a uma reforma de algumas salas da biblioteca; as tentativas foram realizadas em janeiro do ano corrente.



			teatral.
1951	16	“A volta”	Edição de aniversário de 3 anos. Em formato revista. Peça teatral em 1 ato.
1951	17	“O teatro de Nelson Rodrigues”	Ano IV. Rawet divide esse texto em duas partes. A segunda delas foi publicada no próximo volume da revista. Em papel jornal e formato tabloide. Crítica teatral.
1951	18	“O teatro de Nelson Rodrigues”	Ano IV. Em papel jornal e formato tabloide. Crítica teatral.
1952	21	“Posição da crítica teatral”	Em papel jornal e formato tabloide. O texto encontra-se ilegível. Crítica teatral.
1952	[23?]	“Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade”	Junho de 1952. Esse texto será republicado, mais tarde, no volume Modernismo: estudos críticos. “Número especial dedicado ao 30 aniversário do Modernismo – Vol. II”. Em formato tabloide. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crítica teatral.
1952	[26?]	“A propósito de uma entrevista”	Outubro de 1952. Texto oferecido por Lílíana Marlés Valencia, em registro do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da Universidade de São Paulo. Crônica teatral.
1952	[27?]	“Entrevista com Adolfo Celi”	Dezembro de 1952. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Entrevista.
1953	[28?]	“Café da Manhã. A última crônica”	Texto publicado no número em homenagem ao escritor Jones Rocha, falecido precocemente. Abril de 1953. Texto do acervo de Luciano Saldanha Coelho Crônica.
1954	Modernismo: estudos críticos	“Teatro no Modernismo – Oswald de Andrade”	Formato livro. Crítica teatral.

Fonte: Gonçalves, 2018.

Da leitura e análise preliminares desse *corpus*, é possível afirmar que tais colaborações acentuam a ligação de Rawet com a crítica teatral, faceta que tem passado ao largo da recepção crítica do escritor nos últimos quarenta anos, período em que sua obra experimenta um crescente interesse. Iniciando a sua colaboração na *Revista Branca* com o conto “Josias, o triste”, Rawet direciona seus escritos para uma espécie de responsabilidade de especialista na cena teatral. Além da própria peça em um ato, “A volta”, o teatro figura em mais nove das doze colaborações mapeadas. Ao levar em conta que um dos textos é dividido em duas edições da revista e que outro é reproduzido duas vezes, de fato, trata-se de um conjunto de dez textos encontrados.

### 3. “JOSIAS, O TRISTE”, A ESTREIA RAWETIANA NA REVISTA BRANCA

Há pedaços vivos de nós enfeitados na gaveta. Há dramas, tragédias, páginas suaves, bruscas. Personagens multiformes. Quantas Lúcias, quantos Jucas e Pedros, Álvaro, Josias, Marianas, Júlias. Gaveta. (RAWET, 1950b, p. 2, grifo nosso)

O conto de estreia de Samuel Rawet na *Revista Branca* foi publicado na décima segunda edição, no volume comemorativo de dois anos, correspondente a maio e agosto. O formato ainda era o de revista era vendido em bancas de jornais a 10 cruzeiros.

À época, a revista já se encontrava com representantes nacionais em Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Paraíba do Norte, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, além, claro, da sede no Rio de Janeiro. As representações internacionais estavam sediadas em Coimbra, Portugal, e Paris, França.

No texto, dividido em duas temporalidades, o enredo marca o retorno de Josias, professor, do trabalho em sua pensão, tarde da noite; e passagens da vida pregressa da personagem que será descrita em treze oportunidades sob a insígnia da tristeza. A variação da descrição que Josias recebe é a de “doido”, pontuada duas vezes no conto, marcando o seu embotamento acentuado, e “diabo” e “pau d’água”, cada desqualificativo usado uma vez na voz de outras personagens, demarcando incompreensão e insensibilidade nos contatos fortuitos.

Em mais essa peça, Rawet circunscreve a narrativa no âmbito escolar e, ao contrário de “Gringuinho”, texto emblemático que irá compor o volume de **Contos do imigrante** (RAWET, [1956] 1972) foca o conflito da figura que representa o poder em uma sala de aula, revertendo a

lógica de uma quebra de forças entre criança e adulto. Nesse caso, a figura caçoada do docente é fotografada e alçada à categoria dos humildes, tão cara a Rawet<sup>24</sup>.

A alternância temporal contribui para a construção dos sentidos e motivações para que o mesmo seja visto como “triste” por seus alunos. A vida extrema em normalidade e pobreza acentua esse caráter de tristeza, mas não especifica desejos e ambições desse que mimetiza o sentimento da tristeza de um ser triste.

Ao contrário da maior parte das personagens de Rawet, nesse caso, há a ocorrência da nomeação. Porém, a repetição insistente do “triste”, adjetivo ou adjetivo ora substantivado, neutraliza o caráter de individualidade desse que será nomeado e visto mais como triste do que como Josias: “Nunca em seu rosto foi visto um sorriso, jamais seus lábios se entreabriram para rir, era **triste**, visceralmente **triste**, por isso tinha esse nome: Josias, o **Triste**” (RAWET, 1950a, p. [75], grifos nosso)<sup>25</sup>.

O narrador onisciente em terceira pessoa articula e partilha a perspectiva da personagem. Essa partilha ocorre de maneira seletiva, o que convida o leitor à imaginação. Nesse caso, o parágrafo inicial da narrativa, embora reforce a tristeza, pode servir para que se questione o próprio nome, Josias.

Sobre esse processo de nomeação no conto, nota-se que, em II Reis, encontra-se a passagem seguinte: “Não houve jamais, antes de **Josias**, um rei que se convertesse como ele ao Senhor, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças, seguindo em tudo a lei de Moisés; nem depois dele houve outro semelhante” (BÍBLIA Sagrada, 1996, p. 426, grifo nosso). Ascendido ao trono aos oito anos de idade, depois de uma longa trajetória familiar de perversão, seu pai, Amon, e seu avó, Manassé, são considerados dois reis maldosos e injustos, Josias, por sua vez, é a imagem de “[...] um verdadeiro penitente e um rei justo” (UNTERMAN, 1992, p. 135).

Reproduzindo a máxima do Josias bíblico, Rawet brasileira o Rei de Judá, transformando o caráter de penitente em algo que desloca a sua recepção diante do outro. Esse processo de nomeação da personagem com uma relação, ainda que sutil, com a tradição judaica será retomado outras vezes nas últimas publicações em livro de Rawet.

---

<sup>24</sup> Em “Gringuinho”, a sequência de eventos violentos dispensada, por parte de companheiros e por parte da professora da turma, à criança estrangeira, desemboca na manifestação violenta do menino que, até então, vinha sendo agredido. O soco na educadora encerra o enredo e as possibilidades comunicativas entre os envolvidos.

<sup>25</sup> A partir desse ponto, as citações do conto constarão, somente, das numerações da página em que se encontram. Destaca-se, ainda, que tais passagens sofreram a atualização ortográfica e a correção de pequenos equívocos de digitação quando necessários.

Estabelecendo uma análise entre *Que os mortos entenrrem os seus mortos* (RAWET, 1981) última coletânea de contos de Rawet, e *Contos do imigrante* (RAWET, [1956] 1972), a primeira, Kirschbaum estabelece o panorama seguinte:

Não mais exilados, migrantes, errantes, judeus marginalizados. Ninguém carrega a marca de sobrevivente de campo de concentração, pobre, negro, doente terminal, como acontecia com as personagens de seu primeiro livro, *Contos do Imigrante*, de 1956, e dos que se seguiram. Apenas podemos suspeitar que uma personagem é judia por seu nome (tal como Eliezer Kugelman em “O riso do rato”, Bluma Schwartz em “O casamento de Bluma Schwartz”, Schlimazel Mensch em “A lenda do abacate”, nomes que, de fato, são caricaturais, remetendo ao afastamento da comunidade judaica que Rawet se impusera, e evidenciando que o conflito continuava vivo e intenso), ou talvez pela lembrança de um passado que evoca uma pequena aldeia judaica na Europa oriental, uma sinagoga e um cemitério, como no conto “A linha”, mas em nenhuma das narrativas o judaísmo e suas linhas de força habituais, o holocausto, exílio, a errância judaica, a assimilação, são tematizados. (KIRSCHBAUM, 2004, p. 122)

A inclusão de “Josias, o Triste” no espólio de Samuel Rawet acaba por implementar essa análise de Kirschbaum, afinal, o conto apresenta essas duas grandes linhas de força que dividem as coletâneas citadas. Se, por um lado, o migrante nortista, em suas mazelas de morador de uma pensão barata do Rio de Janeiro, bem ao gosto das ilustrações de Goeldi, será alvo da atenção do narrador, por outro, apenas a nomeação da protagonista aponta para esse tratamento da tradição judaica em um conto de Rawet, mesmo antes da primeira publicação em livro<sup>26</sup>.

Os tempos da narrativa são cambiantes e intercalados com variações verbais. Seja o pretérito mais-que-perfeito, apontando a narrativa primeira, aquela que informa sobre a chegada de Josias do trabalho ao seu local de moradia, uma pensão; seja o pretérito imperfeito, sinalizando que, ao ouvir a imprecisão anônima de um de seus “pirralhos”, a frase de definição provocou certa epifania em torno de uma reflexão sobre a sua existência infaustuosa.

O que se obtém do mundo infantil causa dor, sofrimento. O refrão maldoso proferido por algum pirralho martelava, repisava o golpe sonoro e físico. Como ligação inexorável a esse sofrimento, o mundo dos deveres objetivos, a sobrevivência financeira, principalmente: “Foi um escândalo. Ninguém se acusava. As palavras lá do fundo da sala. A voz era fina, aluno ou aluna. Ninguém se acusava. Todos de castigo. O menino sardento, a mulatinha de tranças, não tinha certeza” (RAWET, 1950a, p. [75]). P contexto escolar detona a ferida. Em mais essa

---

<sup>26</sup> Sobre o tratamento da tradição judaica na contística de Rawet, remeto o leitor ao trabalho de Valentin (2017). A esse respeito, pode interessar, também, a leitura de Guinsburg, onde o estudioso afirma que **Contos do imigrante** “[...] assinala o surgimento de jure deste assunto em nossas letras (2008, p. 75).

oportunidade, a descrição da voz, fina, amplia as potencialidades de sentido do sonoro, agora, apontando para algo perfuro-cortante.

Ao descrever a passagem como humilhante, Josias retoma uma consideração sobre o trabalho e os companheiros de profissão. Humilhação e revolta se fundem até o soco no travesseiro. Algo corriqueiro na prosa de Rawet, é o cotidiano que segue pautando a narrativa: “Seu olhar parou na janela. Tempo cinzento lá fora. Idéia de chuva. Talvez não. A igreja dos arredores avisou oito horas. As badaladas lentas acalmaram-no um pouco, deixando-o estirado sem vontade alguma com os braços inertes, à toa” (p. [75]). No vai e vem das conjugações, os verbos conduzem o leitor nas temporalidades diversas.

A percepção sonora alinha a narrativa, costurando esse salto entre reflexão raivosa e contemplação do nada. A expressão “sempre fora assim”, espécie de locução adverbial mista de tempo e modo, retoma a própria infância desse, agora, apresentado como imigrante nortista em sua constituição de ser triste desde a tenra idade:

Quando criança ainda, no Norte, êle também fôra triste. Moravam numa ladeira lamacenta de casas miúdas. Lembrou-se da mãe. Era como êle. **Nunca** ria. **Nunca**. Recordava-a **sempre** assim. Adoentada, percorrendo a casa em todos os sentidos, balde e vassoura na mão, de camisa remendada na beira da mesa e caixa de costura no colo, de crepitar de lenha fundo com gemido leve. O eterno arrastar de suas chinelas já gastas pelas poucas salas da casa. O único alegre de casa era o pai. Quase não o viam. Trabalhava na Cia. Costeira, e só aparecia em casa de mês em mês, não o bastante para que conseguisse mudar o aperto tristonho de todos. (p. [75]-77, grifos nossos)

Se tivesse sido publicado em *Contos do imigrante* (RAWET, [1956] 1972), a peça poderia compor perfeitamente o bloco de migrantes nacionais, apontado como uma das vertentes da migração encontradas no livro por Kirschbaum (2000). Nas descrições da mãe, a tristeza respinga em Josias como característica ancestral, repisada pelos advérbios nunca e sempre, em suas variantes de modo e tempo.

Ainda que não compreenda completamente o processo de abandono paterno, Josias, o adulto, deitado em sua cama de muquifo, retoma o primeiro contato com a morte. Com menos de sete anos, a criança não concebe a avaliação metafórica de que seu pai estava morto da celebração fúnebre de um vizinho da família: “Viu todos chorando, gente de preto, povo em procissão carregando o morto. Na casa dele nada disso vira. Chorou um pouco porque viu a mãe fazê-lo. Depois, nada mudou. Só a mãe de preto, sempre de preto” (p. 77). A “morte” do pai, alardeada pelos vizinhos, não altera a convivência no seio familiar. Antes mesmo de desaparecer e não mais retornar, a figura paterna apenas se materializava na oposição da sua presença alegre no

ambiente marcado pela tristeza. Em nenhum momento, o pai é relembrado como motivo de alegria no Josias criança.

Ao fechar a janela bruscamente, a rajada de vento, em som e imagem, provoca o retorno de Josias ao tempo presente. A necessidade de se resguardar da chuva que acabara de começar toma sua atenção em pequenos gestos. Em ligação quase umbilical com a sua cama, retoma a posição inicial ao deitar-se para, agora, lembrar um momento solene. O que o termo parece prometer é um contraponto à tristeza onipresente da personagem, ledô engano:

Quando entrou no salão estava nervosíssimo. Os olhares todos se voltaram para ele quando subiu ao estrado. Principiou gaguejando, tateando, faltavam-lhe palavras. E em casa havia até decorado o que deveria falar. E agora... uma frase, duas... uma retificação. Olhinhos maliciosos fitando-o de toda parte. Outra frase. Cochichos no fundo da sala. O suor principiava a escorrer pelo rosto. A gravata incomodava-o. Terrível. Em certo instante empacou em uma palavra e não foi adiante, tentou, em vão, uma saída. Nada. De boca aberta, estático, mão levantada em forma de gesto inacabado. Uma gargalhada do fundo encontrou eco em toda sala, e duas grossas lágrimas escorreram-lhe dos olhos enraivecidos. (p. 77)

Do *flashback*, extrai-se mais uma oposição entre o silêncio (materializado em toda a sua existência ensimesmada) e o som que fere (concretizado pela gargalhada estridente e jocosa). A “gargalhada arrasadora” marca temporalmente a desistência de Josias das reuniões sociais. O fracasso na oratória acentua o seu isolamento.

De outra ocasião social, mais uma vez, ocorre a falha no estabelecimento de relações interpessoais:

Alguém lembrou-se de lhe apresentar uma moça. Dançaram. Meia hora depois, encostado num canto de varanda, ouviu:

- Quem é esse rapaz?

- Esse? Josias, o Triste.

Era a moça. De dentro de casa, uma voz rouca gritou, de repente:

- Um brinde a Josias, o Triste. (p. 77)

A cada ocorrência, a tristeza e o embotamento se amplificam na personagem. O que Josias extrai do outro é a avaliação jocosa, a pilheria gratuita e/ou o desprezo absoluto, ambos promovidos por indiferença e violência.

A errância noturna, provocada pelo evento, pelas ruas da grande cidade não amainou a

tristeza, muito menos a decepção. As recordações só “[...] serviam para relembrar desgostos. Não havia um prazer a reviver. Nada. Sentia um vazio em torno de si. Tinha vinte e poucos anos e era um velho” (p. 77). De uma vida breve, mas marcada pelo sofrimento, nem mesmo lembrar uma alegria é uma possibilidade. Em vários momentos, a personagem parece contrariar uma tópica comum nos contos rawetianos: a errância como método para o conhecimento de si.

O passado e o presente são marcados pelo infortúnio e o futuro soa sem esperança: “Nada o interessava. Era um ser inexistente naquele momento. Um amontoado de energias feito sem saber como, cuja existência a ninguém interessava. Nenhum afeto, nenhuma palavra de simpatia de qualquer parte. Triste. Visceralmente triste. Humanamente triste” (p. 77). O vazio do entorno se confunde com o estado de alma de Josias.

Ao parar num boteco, confirma que o álcool não lhe serve de anestésico. Josias não consegue beber, é inepto aos efeitos da substância inebriante:

Havia nele uma necessidade imensa de mudar, romper com tudo o que até hoje lhe tinha acontecido, começar de novo. O quê? Não o sabia. Pensou na morte. Faltava-lhe coragem, porém. Nunca poderia ter esse arrebatamento que o levasse ao fim. Era fraco, faltava-lhe ânimo. Um auto passou. Seria tão rápido. Um salto, um grito... pronto! Não!... Impossível! (p. 77)

No dia seguinte a essa jornada noturna marcada pelo frio da chuva e da solidão, os hóspedes interrogam a racionalidade de Josias. Seria ele o responsável pelo choro na noite passada. Josias, por sua vez, é obrigado a retomar o ciclo dos deveres e da maldição de ser ele mesmo, só e, evidentemente, triste.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem conseguir estabelecer o contato afetivo, uma convivência mais duradoura, ainda que tumultuada, é o outro, construído sob o signo da indefinição, que produz em Josias o sentimento da revolta. A leitura desse conto surpreende por alguns motivos.

O primeiro deles é que, publicado em 1950, o texto não aparece depois nas coletâneas futuras. Como uma realização bem construída, apresenta muitos elementos encontrados em *Contos do imigrante* (RAWET, [1956] 1972), por exemplo. Conforme bem demonstrou Kirschbaum (2000), essa coletânea não tratou apenas de imigrantes judeus em terras brasileiras, mas do próprio imigrante brasileiro em terras nacionais, chegando a dividir os dez contos do livro em dois segmentos: imigrantes judeus e brasileiros, quase todos nordestinos. Nessa coletânea,



também, conforme o estudioso, é possível auferir uma configuração de pensador brasileiro para Rawet.

Não se pode afirmar, por outro lado, os motivos pelos quais Rawet não incluiu “Josias, o Triste” na sua estreia em livro. Vindo do “Norte”, o homem deslocado, ainda que operário da educação, que “[...] tinha vinte e poucos anos e era velho”, morador de cortiço no Rio, apresenta todos os requisitos para constar dessa primeira publicação de Rawet. O fato de não ser ele o portador da proposta de publicação da coletânea, por si só, não pode explicar essa ausência<sup>27</sup>. Não se dispõe de dados, por exemplo, sobre a palavra final do autor sobre os contos que figurariam a coletânea. Também não será o presente artigo que fechará a questão sobre os motivos que impediram Josias de saltar “[...] da gaveta para dentro das páginas dispostas e numeradas” (RAWET, 1950b, p. 2).

Como peça bem-acabada, ainda que inédita em livro, “Josias, o Triste” revela muito daquilo que o leitor encontraria seis anos depois dessa publicação nas páginas da *Revista Branca*. Em *Contos do imigrante* (RAWET, [1956] 1972), estão presentes personagens muito próximas do infeliz professor, imigrante nortista, morador do Rio de Janeiro. As escolhas estéticas, de mesmo modo: também na estreia em livro, estão presentes a perspectiva temporal diversa, materializada no quebra-cabeças das conjugações verbais diversas, a prioridade da personagem em conflito, errante, a inserção da tradição judaica como motivo e a responsabilidade dos narradores para com os humildes, quase sempre, habitantes de conjuntos populares.

A contribuição de Rawet-contista para a *Revista Branca* parou nessa primeira ocorrência. Ao assumir uma postura geral que concebia que o teatro nacional passava por uma crise, anterior à semana de 22, principalmente no campo da produção dramática, Rawet se posiciona na defesa do estudo das artes dramáticas por parte das letras contemporâneas. O conjunto de colaborações mantido na *Revista Branca* acentua, então, esse caráter de homem de teatro, seja como o dramaturgo que iniciou o movimento da publicação de peças nacionais na revista, seja como crítico de dramas e de espetáculos.

Sobre essa segunda vertente, Rawet adentra o debate escolhendo duas figuras que se destacam no conjunto de sua crítica teatral e, ainda que óbvias, em uma leitura situada no século XXI, são complexas de serem estudadas: Nelson Rodrigues e Oswald de Andrade.

---

<sup>27</sup> Os textos de Rawet, que compõem a coletânea *Contos do imigrante*, foram enviados por Prudente de Moraes Neto, para serem avaliados pela José Olympio. A primeira edição dessa publicação em livro seria dedicada a Neto e à Dinah Silveira de Queiroz.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia Traduzida*. Organização e notas: Augusto Massi e Júlio Castañon Guimarães. Introdução: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- BANDEIRA, Manuel. Carta-Poema. In \_\_\_\_\_. *Estrela da vida inteira*. 25 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 313-2.
- BÍBLIA Sagrada. 112 ed. São Paulo: Edição Claretiana, 1996.
- COELHO, Saldanha. Requerimento. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 31 out. 1948. Crônica e notas de literatura, p. 2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br>>. Acesso em 20 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. *A Cigarra*, Rio de Janeiro, jul. 1949. Depoimento a Herberto Sales, p. 95 e 134. Disponível em < [memoria.bn.br](http://memoria.bn.br) >. Acesso em 21 nov. 2017.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Antologia de contos de escritores novos do Brasil*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1949.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Proustiana Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1950.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Modernismo: estudos críticos*. Rio de Janeiro: Revista Branca, 1954.
- GUINSBURG, Jacó. In: SANTOS, Francisco Venceslau dos. (Org.). *Samuel Rawet: fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2008, p. 75-84.
- KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: Profeta da Alteridade*. 2000. 106 f. Dissertação. (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Ética e literatura na obra de Samuel Rawet*. 2004. 167 f. Tese. (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- RAWET, Samuel. Josias, o triste. *Revista Branca*, Rio de Janeiro, maio e agos., n.12, p. 75-77. 1950a. [2º aniversário, ano II].
- \_\_\_\_\_. A Gaveta. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 20 maio 1950b. Café da Manhã. Crônica dos Novos, p. 2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br> >. Acesso em: 24 set. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Contos do imigrante*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Que os mortos enterrem os seus mortos*. São Paulo: Editora Vertente, 1981.
- REVISTA, Branca. O manifesto do humanismo universitário. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro. 30 de jun 1951. Tribuna das Letras, n. 12, [p. 9-10]. Disponível em:< [memoria.bn.br](http://memoria.bn.br)>. Acesso em: 24 set 2018.
- UNTERMAN, Allan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. O início da presença judaica na contística de Samuel Rawet: uma leitura de “A nova sinagoga” e “A prece”. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, [S.l.], v. 11, n. 20, p. 188-202, jun. 2017. ISSN 1982-3053. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/11760>. Acesso em 18 abr. 2018.
- VERDI, Maria Lucia Ferreira. *Obsessões temáticas: Uma Leitura De Samuel Rawet*. 1989. 220 f. Dissertação (Mestrado em Literatura - Teoria Literária e Literatura Brasileira) – Universidade de Brasília, Brasília, 1989.

Recebido em 25/09/2018. Aceito em 05/12/2018.